

y = x+1 e submetidos a análise de variância pelo teste F e comparação de médias por Tukey a 95% de confiabilidade. A eficiência de controle foi calculada por Henderson & Tilton.

Resultados e conclusões.

O inseticida chlorpyrifos na formulação de emulsão concentrada (Sabre) apresentou eficiência no controle do bicho mineiro semelhante ao da formulação tradicional de concentrado emulsionável (Lorsban 480BR), nas doses de 1,0 e 1,5 litro/ha, embora com menor concentração de ingrediente ativo por área aplicada.

Quadro 1 - Eficiência de chlorpyrifos no controle de lagartas de *L. coffeellum* em folhas de cafeeiro. Matão, SP, 1998.

Tratamentos			Nº Lagartas vivas / 10 folhas em dias após				Eficiência de Controle (%) em dias após			
Inseticidas	Dose		Prévia	7	14	30	7	14	30	Média no Período
	kg i.a./ha	L p.c./ha								
Sabre	0,45	1,0	9,3 a ¹	2,0 b	2,3 bc	6,3 ab	84 ²	82	39	68
Sabre	0,68	1,5	9,8 a	1,5 b	1,0 c	4,3 ab	89	93	61	81
Lorsban 480BR	0,48	1,0	10,0 a	1,8 b	2,8 bc	7,0 ab	87	80	37	68
Lorsban 480BR	0,72	1,5	9,0 a	1,0 b	2,5 bc	3,5 b	92	80	65	79
Ethion 500	0,50	1,0	9,0 a	4,3 ab	4,3 b	6,3 ab	65	66	37	56
Testemunha	---	---	8,5 a	11,5 a	12,0 a	9,5 a	---	---	---	---

1 Nas colunas, médias seguidas de letras iguais não diferiram estatisticamente entre si por Tukey (0,05).

2 Eficiência de controle calculada por Henderson & Tilton.

As doses maiores dos inseticidas Sabre e Lorsban 480BR promoveram um incremento na eficiência de controle do bicho mineiro *L. coffeellum* em folhas. A eficiência dos inseticidas Sabre e Lorsban 480BR no controle de bicho mineiro *L. coffeellum* superou a verificada no tratamento padrão com o inseticida Ethion 500. A nova formulação de chlorpyrifos mostrou-se viável para o manejo do bicho mineiro, favorecendo a opção de uso por ser de classe III, com menor toxicidade ao homem.

COMPORTAMENTO DE LINHAGENS DE CAFEIROS (*Coffea canephora* Pierre ex Frocher) NO ESTADO DO ACRE

Rita de Cassia Alves Pereira, Celso Luis Bergo, José Tadeu de Souza Marinho – Pesquisadores Científico da Embrapa Acre- email rita@cpafac.embrapa.br Caixa Postal 392 CEP 69.901-180, Francisco de Sales- Assistente de Pesquisa da Embrapa Acre, Kelceane de Souza Azevedo e Charle Ferreira Crisóstomo- Bolsistas da FUNAPE.

Nos últimos anos, a área de cultivo do café Robusta teve uma grande expansão na região Amazônica, demonstrando boa adaptação atribuída principalmente a fatores climáticos, uma vez que a espécie é originária de áreas baixas e quentes do Congo, regiões cuja temperatura média anual, situa-se entre 22°C e 26°C, semelhante ao clima da região norte do Brasil.

No estado do Acre, o café tem se tornado uma das culturas de destaque, estando presente em quase todos os municípios, contribuindo com o aumento da renda dos produtores. Apesar de sua reconhecida importância sócio econômica as lavouras apresentam fases heterogêneas de maturação, colheita, arquitetura de plantas e baixo potencial produtivo.

Com o objetivo de obter linhagens de café robusta mais produtivas, com maior vigor vegetativo e maior uniformidade de maturação de frutos, foram introduzidas em Rio Branco-AC, no campo experimental da Embrapa Acre, um ensaio com oito linhagens de café da espécie *Coffea canephora* oriundos do Instituto Agrônomo de Campinas –SP (IAC). O ensaio foi implantado em março/1995 em solo do tipo Podzólico Vermelho Amarelo numa altitude de 160m. O delineamento experimental foi o de blocos ao acaso com oito tratamentos e cinco repetições. As parcelas são constituídas de três covas (uma planta/cova), num espaçamento de 3,5 metros entre linhas e 1,5 metros entre covas (120 covas). Utilizou-se como bordadura a linhagem Robusta 1647. No plantio utilizou-se 250 gramas de superfosfato simples e 50 gramas de cloreto de potássio e 20 litros de esterco de curral, conforme determinação da análises químicas. A correção da acidez do solo foi determinada pelo método do Ca + Mg e alumínio, utilizando-se calcário dolomítico com PRTN de 97%, CaO= 29%, MgO=19% na dosagem de 500 gramas por cova. No combate as pragas e doenças foram aplicados o fungicida Mancozeb (40 gramas/20 litros

de água) para controle da “queima do fio” ocasionada pelo fungo *Pellicularia koleroga* e o inseticida piretroide Decis (20ml/20 litros de água) para o controle do bicho mineiro (*Perileucoptera coffeella*).

Os resultados das avaliações (1997-2000) de produtividade de café beneficiado (sacos 60 Kg/ha) e demais características são apresentadas na Tabela 1. Observa-se que a média geral dos tratamentos de 34 sacas é muito superior a média do estado do Acre (9 sacas), e que houve diferença entre os tratamentos.

Tabela 1- Dados médios de altura de plantas (AP), Diâmetro do caule (DCA), Diâmetro da copa (DCO), Vigor peneira média e Produtividade de cafeeiros *C. canephora* avaliados no período 1997- 2000. Rio Branco- AC, 2000.

GENÓTIPOS	AP (m)	DCA (mm)	DCO (m)	Vigor (0-10)	Peneira (média)	Prod. (scs/ 60kg/ha)
Conilon 69-5	2,63 ab	56,15 a	2,22 a	6,26 b	16	38 b
Conilon 66-3	2,52 cd	48,39 e	2,22 a	5,95 c	15	42 a
Conilon 7014	2,49 cd	53,17 bc	2,17 bc	5,79 d	17	31 de
Conilon local	2,28 e	50,68 d	2,24 a	6,42 a	18	30 de
Robusta 2259	2,61 b	54,66 bc	2,16 c	5,79 d	18	38 b
Robusta 1675	2,45 c	53,26 bc	2,05 e	5,64 e	17	32 cd
Robusta 1647	2,54 c	51,52 cd	1,96 e	5,54 e	16	29 e
Robusta 2158-1	2,68 a	54,60 ab	2,21 ab	6,03 c	16	35 c
Média	2,52	52,80	2,16	5,93	16	34

A linhagem Conilon 66-3 superou as demais em termos de produtividade média de café beneficiado, pelo teste de Duncan a 5% de significância, seguida pelas linhagens Conilon 69-5, Robusta 2259 e Robusta 2158-1 que por sua vez, superaram as demais inclusive a testemunha (Conilon local). As demais linhagens, não diferiram entre si, nem da testemunha. Os resultados apresentados nas demais características avaliadas, com exceção do diâmetro da copa (DCO), demonstraram não haver uma correlação destas com maior produtividade, em virtude de que a linhagem Conilon 66-3 com melhor rendimento, esteve entre as piores em altura (AP), diâmetro de caule (DCA) e vigor.

EFEITOS DO SOMBREAMENTO DE GREVILHAS EM CAFEZAIS NO SUDOESTE DA BAHIA, BRAZIL

Gilsandra Oliveira FARIA - UESB bolsista do PIBIC/CNPq gilsandraof@bol.com.br; Sylvana Naomi MATSUMOTO - UESB professora snaomi@uesb.br; Anselmo Eloy Silveira VIANA - UESB professor aviana@uesb.br; Paulo Roberto Santos PINTO - UESB professor

A cafeicultura é uma das principais atividades agrícolas do Brasil, e seu produto tem destaque no mercado externo e interno. No Brasil, o cafeeiro é conduzido segundo dois sistemas de cultivo: a pleno sol, sendo utilizado desde o início de sua exploração comercial, e em sistema agroflorestal, como na Colômbia e México (CHAMORRO, et al., 1994). Muitos trabalhos de pesquisa têm sido desenvolvidos visando compreender os efeitos do sombreamento em cafeeiros (CARELLI, 1999, VOLTAN, 1992), entretanto, estudos a nível de campo são escassos e com parâmetros apenas qualitativos. MATIELLO et al (1989) realizaram um estudo de viabilidade do sombreamento em cafezais (*Coffea arabica* L.) para determinar a intensidade de sombreamento ideal. A cultivar utilizada foi a Catuaí, sendo submetida à 100%, 75%, 50%, 25% de sombreamento e cultivo à pleno sol. Para as condições avaliadas, a maior produção foi obtida com 50 e 75% de sombreamento. Condições de 25 e 100% de sombreamento proporcionaram produção média, e a menor produção foi obtida com o cultivo do café a pleno sol. SOTO-PINTO et al. (2.000), verificaram em estudos realizados em cafezais comerciais sombreados que a cultivar, idade do cafeeiro, número de espécies e densidade de árvores que promoviam o sombreamento não foram fatores que influenciaram a produção dos frutos de café. Entretanto, foi verificada uma relação positiva entre níveis de sombreamento de 23 a 38% e produção de frutos.

No Sudoeste da Bahia, o sombreamento com grevilhas tem sido empregado para amenizar a limitação hídrica, uma das principais restrições à produtividade dos cafezais nessa região. Entretanto, ONG et al. (2.000) observaram por meio de medidas de fluxo de seiva de raízes laterais que em plantio de grevilhas associadas ao cultivo de milho, ocorreu uma redução do fluxo de seiva do tronco das grevilha. LOT et al.(1996) verificaram a partir de determinações de fluxo de seiva de raízes que as grevilhas poderiam absorver quantidades substanciais de água em um raio de 2 metros de seu tronco. Esse fato aumentaria sua capacidade competitiva em plantios associados.